

HÁ “FACTORES ALEATÓRIOS” NOS FOGOS

Governo está a intervir numa das zonas “mais periclitantes” do Funchal.

É com uma faixa corta-fogo que o executivo madeirense pretende preparar o futuro e garantir a segurança do Funchal contra a ameaça dos fogos florestais. O último grande incêndio, em 2016, causou várias mortes e deixou um rasto de destruição na cidade. A tragédia teve mão criminosa e resultou numa pena de 14 anos de prisão para o incendiário.

RICARDO JORGE SOARES
rsoares@tribunadamadeira.pt

O Plano Operacional de Combate a Incêndios Florestais (POCIF) “está em execução” e Miguel Albuquerque, neste momento, espera “que as coisas corram bem.” Na quarta-feira, em visita ao Caminho dos Pretos, na zona onde decorrem trabalhos de recuperação florestal, implantação de uma faixa corta-fogo e criação de uma rede de combate a incêndios, o presidente do Governo Regional (GR) assinalou que “todo o patrulhamento está a ser feito, temos o helicóptero preparado e a funcionar com as respectivas equipas, as equipas multidisciplinares e as torres de incêndio foram recuperadas, temos os drones em funcionamento, o trabalho de prevenção está a ser feito, os bombeiros estão preparados, têm recebido material do mais moderno e mais



eficaz no combate aos fogos e o corpo de guardas florestais está preparado”.

Apesar da preparação, Albuquerque, que esteve acompanhado pela secretária regional do Ambiente e Alterações Climáticas, Susana Prada, sabe que há “factores aleatórios” que podem escapar ao controlo. A faixa corta-fogo entre o Caminho dos Pretos e o Palheiro Fereiro depende efectivamente do GR, envolve três frentes e pretende minimizar o risco de incêndios e a possibilidade de propagação de fogos florestais à volta do Funchal. A primeira fase representa um investimento de 220 mil euros, financiados pelo Programa de Desenvolvimento Rural da Madeira (PRODERAM) e consiste na regeneração com plantas endémicas e espécies menos inflamáveis (castanheiros, faia-das-ilhas, maçaroco e loureiro) de uma área florestal de 32 hectares que estavam repletos de eucaliptos e acácias (espécies de fácil combustão). É uma intervenção com conclusão prevista para o final de Setembro.

A segunda frente de intervenção consiste na construção de um depósito de

água com capacidade para um milhão e 500 mil litros e que irá “servir” uma conduta para combate a incêndios com uma extensão de nove quilómetros” - precisamente desde o Caminho dos Pretos ao Palheiro Fereiro. Esta obra representa um investimento de cerca de dois milhões e 350 mil euros (85% financiado pelo PRODERAM) e pretende garantir o abastecimento de água em caso de incêndios florestais, assim como diminuir a possibilidade de propagação de fogos.

O terceiro investimento nesta intervenção para proteger o Funchal é a faixa corta-fogo propriamente dita, que tem uma área de 640 hectares. Quando estiver concluída, afiança o GR, haverá uma redução da carga combustível e do risco de incêndio, aumentando a segurança da população do Funchal. Com este projecto, o executivo madeirense diz que “prosegue a execução da sua “política de prevenção contra os incêndios florestais, não apenas salvaguardando o nosso património natural, mas, sobretudo, a protecção das populações e dos seus bens”.

Faixa corta-fogo é projecto estruturante do IFCN

A 27 de Maio deste ano, quando Susana Prada visitou os trabalhos nos arredores do Funchal que iriam resultar na abertura de 40 quilómetros de caminhos florestais e garantir maior eficácia no combate aos fogos, seis dos nove quilómetros que constituem a rede de água estavam já concluídos e 44% da faixa (280 hectares) intervencionada pelo Instituto de Florestas e Conservação da Natureza (IFCN - IP RAM) e privados apoiados pelo GR através do PRODERAM.

Miguel Albuquerque já estivera em Março de 2020 naquela que é uma das zonas “mais periclitantes” para a expansão dos fogos que ameaçam a cidade do Funchal, onde lembrou que a prevenção “exige um trabalho continuado, consistente, com tempo e estratégia”. Nessa altura, dos 640 hectares que compõem a faixa corta-fogo, 200 já tinham sido intervencionados. O presidente do GR aproveitou essa ocasião para agradecer a grandes empresas regionais que contribuíram com donativos para a aquisição de terrenos e também se disponibilizaram a doar terrenos à Região. Foram

cedidos 80 hectares. Na aquisição foram gastos cerca de um milhão e cem mil euros.

Um número significativo de incêndios que afetam a zona Este do concelho do Funchal atravessam o Caminho dos Pretos, razão pela qual a faixa corta-fogo é um projecto estruturante para o IFCN. Foi este registo cíclico que, já afirmou Manuel António Filipe, tornou premente elaborar um plano de intervenção na área superior a 640 hectares.

Segundo o presidente do IFCN, a intervenção preconiza uma substituição dos eucaliptos, acácias e muito mato por espécies indígenas e folhosas exóticas menos combustíveis, adaptadas ao local e que constituem uma barreira natural à propagação do fogo. Realçou que é “importante” que toda a área também possua vegetação para controlo da erosão e diminuição do risco de deslizamentos de terras em caso de precipitação intensa.

Os proprietários de terrenos que quiseram aderir ao projecto e requalificar as suas propriedades tiveram o apoio do GR e puderam candidatar-se a apoios comunitários no âmbito do PRODERAM. Os outros viram os terrenos passaram para o GR, através da doação de algumas empresas que, num gesto de responsabilidade social e ambiental, adquiriram os terrenos aos legítimos proprietários.

O GR tem noção que muitas das plantas hoje plantadas na referida faixa corta-fogo só atingirão o seu estado adulto daqui a algumas décadas e que durante esse período é necessário mantê-las, efectuando regas, consecutivas limpezas de mato e de invasoras, limpezas dos caminhos e aceiros florestais que serão construídos. Espera que os frutos desse trabalho, naturalmente, sejam verificados no futuro.

Risco “muito maior” agora do que em 2016

O que se pretende com a faixa corta-fogo à volta do Funchal é impedir tragédias como a que aconteceu a 8 de Agosto de 2016, quando deflagraram fogos em dife-



rentes localidades do concelho que rapidamente passaram a área florestal e evoluíram para a área urbana da cidade. As condições meteorológicas adversas agilizaram a propagação das chamas e dificultaram o trabalho das forças de Protecção Civil.

O incêndio que acabou por dizimar o Parque Ecológico do Funchal e obrigou mesmo à retirada de 234 doentes do Hospital dos Marmeleiros, fez três mortos, dois feridos graves e cerca de mil deslocados. Ardeu 1666 hectares, cerca de 22% do território total do município. A inalação de fumos levou centenas de pessoas às unidades de saúde e os prejuízos em infraestruturas públicas e privadas do Funchal foram calculados em cerca de 61 milhões de euros. Deste montante, 36 milhões de euros contemplavam os danos em 300 edifícios privados, desde moradias a prédios de comércio e serviços, de entre os quais 177 ficaram completamente destruídos. Os estragos em infraestruturas municipais representaram um custo de 25 milhões de euros. Foi confirmada a autoria criminosa e o incendiário condenado a uma pena de 14 anos de prisão, apesar do tribunal entender que o arguido não actuou para causar as mortes.

O último grande fogo florestal na Madeira ocorreu em Fevereiro deste ano, na Ponta do Pargo, mas o risco de incêndio nas serras da Região é “muito maior” agora do que em 2016, porque há vários fatores potenciadores de “novas tragédias de grandes dimensões”. O alerta, feito a 21 de Julho, foi de Sílvia Silva, deputada do PS-M na Assembleia Legislativa da Madeira. A parlamentar socialista teve em conta um estudo recentemente publicado pela Universidade de Évora que indica que “a meteorologia e orografia na Madeira favorecem

os grandes incêndios florestais”. O “fracasso da gestão florestal” e a “acumulação da carga combustível” nas serras, sublinhou Sílvia Silva, também deixa o território regional “muito vulnerável”.

A deputada socialista baseou-se no mesmo estudo da Universidade de Évora para lembrar que as alterações climáticas são “imprevisíveis” e “potenciadoras de condições propícias à ocorrência de grandes incêndios”. O risco, sublinhou, é “muito maior do que em 2016”. Um risco que é potenciado

pela giesta e carqueja, plantas “altamente inflamáveis” e que “se espalham pelo território”. No entender de Sílvia Silva, “a diabolização e eliminação” do pastoreio nas serras – que responsabiliza o gado pela destruição, erosão do solo, desertificação e alteração da paisagem – “não é nada em comparação com os impactos do fogo”. O PS-M tem defendido que “o gado e os seus donos podem e devem ser aliados na segurança e na prevenção dos incêndios, promoção de emprego e produção de alimentos”. ■

tribuna da Madeira

2,00 € Semanário | Ano 22 | Nº 1130
Sexta-feira | 6 de agosto de 2021

Director: Edgar R. Aguiar
tribunadamadeira.pt

**MICROCENO
É PROJETO
MULTIDISCIPLINAR**

Pág. 6 e 7



**HÁ "FACTORES
ALEATÓRIOS"
NOS FOGOS**



É com uma faixa corta-fogo que o executivo madeirense pretende preparar o futuro e garantir a segurança do Funchal contra a ameaça dos fogos florestais. O último grande incêndio, em 2016, causou várias mortes e deixou um rasto de destruição na cidade. A tragédia teve mão criminosa e resultou numa pena de 14 anos de prisão. | Pág. 10 e 11



**"AS ÁRVORES DO
LARGO DA FONTE
TÊM SIDO AS MAIS
SUPERVISIONADAS"**

| Pág. 4 e 5

**INVESTIMENTO DE
170 MIL EUROS NA
RENOVAÇÃO DAS
REDES DE ÁGUA** | Pág. 22

**COMBATE COM
"CAPACIDADES
TECNOLÓGICAS
AVANÇADAS"** | Pág. 12 e 13



**FUNCHAL ENCONTRA-SE NA LISTA DOS MUNICÍPIOS
MAIS CAROS DO PAÍS**

| Pág. 22

**"ESTE É UM DOS
MOMENTOS MAIS
IMPORTANTES
DO PROCESSO DE
VACINAÇÃO"** | Pág. 14

**"E A OBRA ESTÁ
CONCRETIZADA"** | Pág. 8 e 9

**'RALI VINHO DA
MADEIRA' NA ESTRADA**

| Pág. 24 e 25

